



Moçambique: à dir. — lamelofone macua; em cima — citara maconde de tábua

tecto Pancho e Mufano A. Chissano. Além de alguns desses expuseram no 1.º Congresso de Cultura Africana, na Rodésia do Sul, tb. Abdias Muchanga, Alberto Mati, Augusto Nafalate e Metiene Macie. Entre os artistas contemporâneos africanos, uns buscam de preferência os valores da criação plástica tradicional, outros integram-se nas correntes gerais europeias.

BIBL. J. Rodrigues dos Santos Júnior, «On the Prehistory of Mozambique», em *Moçambique* n.º 28, Lourenço Marques, 1941; Manuel Viegas Guerreiro, «Pinturas Rupestres de Manica», em *Geographica* n.º 2, Lx., 1965; Jorge Dias e Margot Dias, *A Arte Popular em Portugal, Ilhas Adjacentes e Ultramar*, vol. III, «Moçambique», *ibid.*, 1971-1972; *id.*, «Moçambique», *Enciclopedia Universale dell'Arte*, Ven.-R., vol. LX, 1963; *id.*, *Os Macondes de Moçambique*, vols. I, II e III, Lx., 1964 e 1970.

MARGOT DIAS
b) **Música** — Não há ainda um trabalho geral sobre a música tradicional e os instrumentos usados em M. Supomos que a realização artística dos africanos moçambicanos é mais notável no campo da mús. do que no das artes plásticas. Encontram-se algumas formas musicais fora de vulgar, além das existentes na maioria dos povos bantos. Destaca-se em 1.º lugar no grupo dos idiofones percutidos, a música — em parte orquestral — dos xilofones de teclas fixas com corpos de ressonância, *timbila*, que tem vários núcleos: nos Chopes (até 18 instrumentos de 4 a 18 teclas), nos Ndaus (3 instrumentos de 10 a 18 teclas), e nos Changanes e Tsuas; todos com 1 tocador por instrumento. Outro núcleo existe nos Senas, no vale do Zambeze, tb. de xilofones de teclas fixas mas sem aro de transporte; o conjunto compõe-se de dois instrumentos, cada um tocado por 3 músicos. O xilofone mais simples, de teclas soltas (tocado por 2 homens), encontra-se no N, nos Macondes (*dimbila*), Macuas-Lomúes e Chirimas (*mangwilo*), onde é usado individualmente. Sabe-se tb. de um xilofone de gamela, *mbira*, dos Chuabos (de 17 teclas e tocado por 2 músicos). Outro idiofone importante é o lamelofone dedilhado, que aparece sob

vários nomes e tipos (distinguidos pela forma de suporte das linguetas metálicas ou de bambu, e pelo número delas), no Centro de Moçambique sob o nome de *mbira* ou *mbila* (Chonas e Ndaus), na Zambézia e no Niassa (*njari*, *nsansi*, *kalimba*, *madeba*, *hera*, *kisansi*, *kasansi*) e no NE, nos Macuas e Macondes (*chitaya*, *chitata*). É um instrumento de origem africana que parece ter-se difundido a partir do Congo, e — até há pouco tempo — não se encontrava no Sul do Save. Em M. é tocado só individualmente para encanto do próprio ou por uma espécie de «bardos» que cantam para entreter o público. Além destes, há uma grande série de idiofones por entrecchoque ou sacudimento do gén. maracas, soalhas, chocalhos e guizos, fabricados de frutos de mato, casulos ou entrançados — e tb. de latas —, que, cheios de sementes, etc., sacudidos, provocam ruídos rítmicos. São usados praticamente em toda a parte. Do grupo dos aerofones existem apitos e flautas, verticais e travessas, em muitas etnias, usadas individualmente por pastores, etc. Sobressaem um coro de flautas, *chimveka*, nos Chopes, formado por 8 flautas de diferentes comprimentos, de uma só nota, e um coro de flautas de Pã, associado à dança *nyanga* dos Nyungwes, testemunhado a O de Tete, e tb. umas «bandas» de mirlítone, *mapenga*, utilizando cabaças, muito frequentes nos Nianjas do lago Niassa. Importantes tb. são os duos da flauta globular, *chigwihu*, feitas de casca de um fruto, nos Chopes e Valengues, cuja mús. com a sua forma contrapontal pertence às mais apreciáveis formas musicais moçambicanas. Os aerofones tipo trompeta, de chifres de antilopes, com orifícios de sopro laterais, foram antigamente tb. usados em coro (Tsongas), mas hoje só isoladamente em festas e cerimónias. Os membranofones estão representados por uma variedade infinita de tambores de formas diferentes (cilíndricas, de almofariz, de cálice, semiesferóides e ovalóides — estes especialmente nos Chopes, Va-

lengues e povos da Zambézia), unimembranófonos, como bímembranófonos (os últimos muito raros). No Norte (Macondes) existe tb. um tambor de espigão e no Sul (Tsongas e Ndaus) o tambor xamã nos ritos de exorcismo. A mús. dos tambores fornece a base rítmica para a dança em actos cerimoniais e mágicos, assim como para diversões. A sua factura esteve outrora ligada a cerimónias secretas e sacrifícios que podiam até ser humanos. Não se conhecem tambores idiofónicos (de madeira) em M. Dos cordofones destacam-se os arcos musicais (6 espécies), dos quais 3 ainda muito em uso no Sul do Save: *chitende*, o arco com cabaça e laço de afinação, *chipendane*, o arco de tala com ressonância bucal e laço de afinação (ambos arcos percutidos; difundidos nos Tsongas, Chopes, Valengues, e tb. Chirimas no Norte) e o arco denteado, friccionado e com ressonância bucal, *chivelane* (nos Tsongas e Chopes). A mús. destes arcos, com poucas notas básicas, é enriquecida, nos dois últimos, com notas harmónicas produzidas pelas posições diferentes da cavidade da boca. No Norte, é usada a cítara de tábuas, *mbangwe* — de 7 a 8 cordas (dedilhada ou rasgada) —, o instrumento típico de «bardos» que alternam o canto acompanhado com pequenos interlúdios instrumentais. Tb. entre Macondes e Ajauas se encontra a rabeca de vara ou pau espetado, *kanyembe*, um monocórdio friccionado com arco, cuja mús. tradicional surpreende com as suas paralelas de segunda entre canto e instrumento, paralelas que tb. se ouvem, p. ex., nos cantos plurivocais dos Macondes. A cítara de pau achatado (irmã primitiva da *vina* indiana), com uma ou duas cabaças de ressonância, vê-se de origem moçambicana só em museus, mas não foi encontrada em uso. Assinala-se uma certa difusão de elementos instrumentais orientais, da Indonésia (através de Madagáscar), ou da Ará-

Moçambique: apanha de marisco no litoral



bia, que tomaram em M. uma forma mais simples, conforme a fase técnica dos seus povos. A mús. africana demonstra uma grande virtuosidade e fantasia rítmica e manual, com um domínio empírico de leis da acústica. A mús. instrumental é frequentemente acompanhada pelo canto. Nos coros observa-se muitas vezes o cantor principal que entoa e o grupo que entra pouco depois. Existe a forma de «jodj» na parte central, nos Chonas.

BIBL. Margot Dias, «Gruppenbildende und individuelle Musikinstrumente in Moçambique», em VII^o Congrès International des Sciences Anthropologiques et Ethnologiques, vol. VII, M., 1964; id., «Os instrumentos musicais de Moçambique», em *Geographica*, n.º 6, Lx., 1966; id., «A Dança e a Música em A Arte Popular de Moçambique», Lx., 1971; Hugh Tracey, *Chopi Musicians*, O., 1948.

MARGOT DIAS

c) *Investigação científica* — a) O conhecimento do território que hoje constitui a prov. de M. confinou-se desde os 1.^o contactos até à 2.^a metade do séc. XVIII às descrições dos exploradores, principalmente atentos à geog. e às pops. Presume-se que Pêro da Covilhã enviou a D. João II as 1.^{as} informações acerca de Sofala em 1490. Mas já em 1502 aparece a carta de Cantino, que abrange parte da costa de M., e em que se assinalam o rio da Lagoa, em cuja margem esq. se ergue hoje a cid. de Lourenço Marques, o cabo das Correntes, Sofala e o rio dos Bons Sinais. b) Por virtude do avanço das técnicas de gravura e impressão em alguns países europeus no séc. XVI aparecem as 1.^{as} cartas impressas da África Meridional na Alemanha em 1516 (planisfério de Waldseemüller) e em Itália em 1564 (carta de Gastaldi), mas as bases desta cartografia incipiente foram cartas port. e descrições geográficas de port., entre as quais merecem menção especial as *Décadas* de João de Barros, que foi tb. um dos mais insignes geógrafos port. de todos os tempos. A mais antiga e valiosa representação port. da África Central, em que se representa o território que hoje é M., deve-se a Bartolomeu Velho (1561). E M. volta a figurar na carta da África Meridional de Duarte Lopes (1591). A cartografia da África Meridional e nomeadamente de M. continuou a ser brilhantemente servida durante o séc. XVII, como o demonstram as doze cartas port. seiscentistas da Zambézia-Monomotapa (1615-1677). E a demonstrar o pragmatismo que motivava os estudos no domínio da cartografia aparece no séc. XVIII a carta de Viza Brandão (1730-1779), que constitui o esboço geográfico indispensável à proposta expedição científica que havia de ligar as costas do Índico e do Atlântico dos nossos ests. africanos, o que havia de ser tentado em vão por Lacerda de Almeida e levado a bom termo por Serpa Pinto e Capelo e Ivens. Em 1883 é criada a Comissão de Cartografia, a que sucedeu, em 1936, a Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar.